

 MILTON REZENDE 
E SEUS
HETERÔNIMOS

A CASA IMPROVISADA

Copyright © by Milton Rezende, 2019
All rights reserved
www.miltoncarlosrezende.com.br

Copyright © by Milton Rezende, 2019
All rights reserved
www.miltoncarlosrezende.com.br



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

AGENTE LITERÁRIO
De Andrade

REVISÃO
Francisco de Assis Campos
Maria José Rezende Campos

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E CONTRACAPA
Pinturas rupestres nas rochas de Lagoa Santa -MG

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R467M REZENDE, MILTON. 1962-
A CASA IMPROVISADA / MILTON REZENDE. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2019.

126 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-570-6

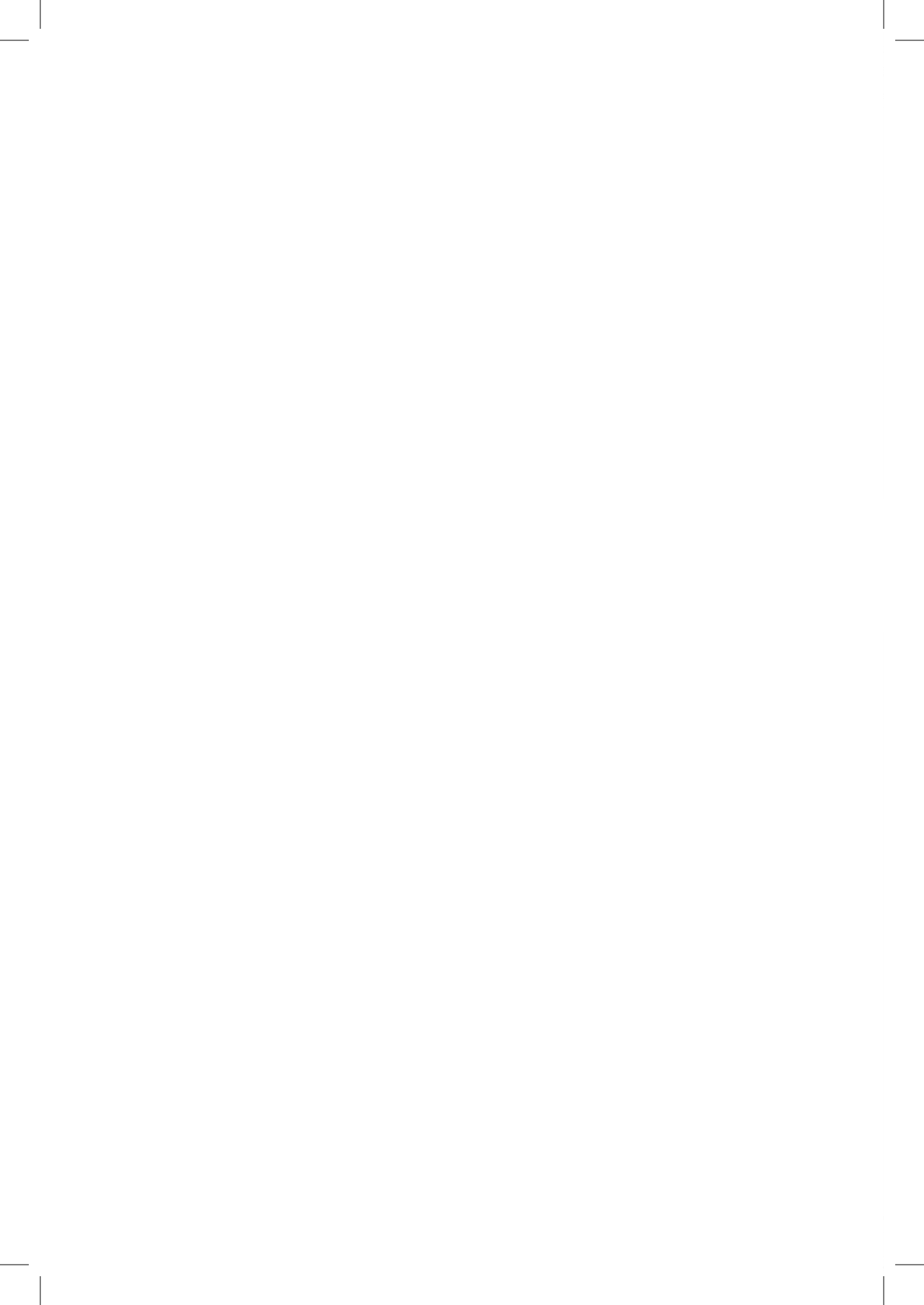
1. PROSA I. TÍTULO

CDD.: 869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.





FERREIRA JR.

(primogênito dos heterônimos)





A SÍNTESE DA INTELIGÊNCIA E DO OBSCURANTISMO

O autor deste livro realizou, a meu ver, uma curiosa e estranha síntese da inteligência e do obscurantismo. E eu disse isso a ele tão logo terminei a leitura dos originais, com o que parece ter ele concordado, pois me pediu para escrever sobre o assunto numa das orelhas do livro.

Mas não sei bem o que dizer e nem como desenvolver o assunto, pois foi a impressão que me ficou e veio de chofre, assim mesmo na forma em que se encontra na frase. Admirei a inteligência e, ao mesmo tempo, o obscurantismo na elaboração do tema que às vezes resvala para o pitoresco, o macabro e as significações ocultas. É um assunto interessante, sem dúvida, mas cheio de dificuldades e armadilhas para o pesquisador mais afoito. No entanto, o autor – não sendo um professor, teórico ou acadêmico – consegue a proeza de contornar os obstáculos com a maestria de um poeta.

Deve ter sido difícil o trabalho, e bastante abrangente. Penso na coragem e nas motivações que levam um artista a encarar determinados temas e a desenvolvê-los, numa espécie de desafio que eles impõem a si mesmos.

Por que escrever sobre a morte, os cemitérios e as suas paisagens desoladas de cruzeiros e sepulturas? Simplesmente porque alguém tem que fazê-lo. E há, naturalmente, toda a magia e um grande mistério envolvendo o assunto. Não dá mesmo para fugir dele, contornar, fingir

que não existe. Acontece todos os dias e com todas as pessoas: a realidade e a presença da morte estão sempre aí, desafiando os nossos medos e a nossa compreensão da vida.

E há também a arte tumular, secular maneira de prestar homenagem aos entes queridos que se foram. De onde vem isso? O livro tenta responder a questão e, para tanto, procura diversas abordagens possíveis num elenco de inesgotáveis possibilidades: cultural, artística, histórica, psicológica, sociológica, antropológica, religiosa, filosófica e existencial. Há de tudo aqui, numa mistura multidisciplinar de permanente diálogo entre as vertentes do pensamento.

Alguém tinha que falar sobre isso e o meu amigo Milton não fugiu da raia, mesmo porque esta é uma de suas obsessões antigas. Desde a adolescência, quando o conheci, ele já se interessava pelo assunto e o retratou em diversos poemas recolhidos e agrupados agora numa pequena coletânea cemiterial inserida no livro. Lembro-me de que este assunto vinha sempre à baila em nossas conversas. Era inevitável.

Não vou falar sobre a gênese do livro, pois o autor já o fez em seu prefácio, mas fico pensando no que virá depois disso. Em quais caminhos o escritor estará embrenhando, em que atalhos de absoluta e necessária solidão. Alguém precisava fazer o percurso conosco. Há ainda, nas pequenas cidades mineiras, o cortejo fúnebre da igreja ao cemitério. Vamos então seguir juntos pelas páginas do livro, se não elucidando – o que seria de resto impossível – pelo menos compreendendo melhor a natureza humana e, por extensão, a natureza dos nossos sentimentos.

Vamos conversar sobre a morte e assim estaremos efetivamente celebrando a vida, brindando a arte e estabelecendo a magia do encantamento. O Dierval veio de longe e eu não pude encontrá-lo. Parece que ele está numa outra página. Au revoir mon ami.

ITINERÁRIO DE PERPLEXIDADE

Em o “Inventário de Sombras”, o poeta Milton Rezende percorre um itinerário de perplexidade, sempre acompanhado de seus temas básicos como a solidão e a morte. Entretanto parece haver agora uma maior diversidade temática própria a um levantamento poético e existencial. São poemas que se situam no limite do equilíbrio, naquela região de fronteira onde se cruzam (e ao cruzarem se misturam nos poemas) a realidade, o enigma, a melancolia, o acaso e o fragmentário. Ao mesmo tempo em que se procura manter um nível de qualidade e lucidez em todas essas composições. A sombra do autor e as suas imagens simbólicas se projetam sobre todo o volume como uma camada densa, reflexiva e amargurada. Uma fotografia cujo negativo entremostra os contornos de um homem totalmente envolvido pelo espectro do seu inventário poético.

OUTRO SILVA IS DEAD

*“saí para me divertir,
acabei num enterro.
um parente distante.”*

Dostoiévski

Eu não sabia até então. Sexta-feira de chuva fina e o colapso do mundo sendo alardeado por todos e em tudo quanto é canto. Desliguei-me das pessoas mais em função disso, pois preferia a visão das nuvens e dos pássaros que eu alimentava como se estivesse longe. Não estava. A realidade me cerceava e eu saí para encher a cara. Num pequeno beco sem saída havia um boteco e logo em frente o cemitério.

Entre um gole e outro passou o cortejo fúnebre e resolvi acompanhar. Durante o percurso fui informado que se tratava da morte de um sujeito conhecido como “Outro Silva”, aliás, pouco conhecido, a julgar pelo nome. Afinal são tantos silvas que um silva a mais ou um a menos não faria, àquela altura, muita diferença. Como se fosse um silvo no deserto.

Devido a esta singularidade do nome do defunto, resolvi acompanhá-lo até sua última morada e no trajeto tentaria saber mais sobre o cadáver. Entabulei conversa com um senhor de meia-idade que estava do meu lado, julgando que fossem parentes. Na verdade só trabalhavam juntos num escritório mixuruca de contabilidade e redação de textos para jornais.

Alexandre Barret era o nome da pessoa com a qual eu falava. Indagado a respeito do falecido disse-me que o “Outro Silva” era um homem estranho como o próprio nome, mas davam-se bem no

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em setembro de 2019.